

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MÁRCIA EDI ZANIOL

**A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MUDIÁTICOS NO ENSINO DE LENDAS
INDÍGENAS E AFRICANAS**

CURITIBA

2018

MÁRCIA EDI ZANIOL

**A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MIDIÁTICOS NO ENSINO DE LENDAS
INDÍGENAS E AFRICANAS**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a. Msc. Aura Maria de Paula Soares Valente

CURITIBA

2018

A utilização de recursos midiáticos no ensino de lendas indígenas e africanas

Márcia Edi Zaniol

RESUMO

O objetivo do presente artigo é verificar se a utilização das mídias impressas história em quadrinhos e cordel facilitam a aprendizagem e o entendimento das lendas indígenas e africanas. Para isso foram utilizados os recursos midiáticos lendas, cordéis e história em quadrinhos por alunos do 4º ano da Escola Municipal Chafic Smaka, localizada no município de Pinhais, durante quarenta dias letivos, totalizando a produção de dezessete cordéis e dezessete HQs. Os resultados demonstraram que a utilização desses determinados recursos auxilia de maneira significativa a apropriação de conhecimentos sobre a cultura indígena e africana e formação cultural do Brasil, bem como produção escrita.

Palavras-chave: Recursos midiáticos. PCNs. Alfabetização. Letramento.

1 INTRODUÇÃO

Os recursos midiáticos estão presentes na rotina das pessoas e provocam impacto em vários setores da sociedade, como por exemplo, na educação, pois novas possibilidades surgiram no processo ensino-aprendizagem, sendo necessário romper com velhos paradigmas educacionais e construir novas propostas de ação, como a produção escrita em Literatura de Cordel e Histórias em Quadrinhos.

As histórias em quadrinhos apresentam comunicação verbal e visual e dessa forma pode-se atingir um rendimento e um envolvimento maior e mais espontâneo dos alunos nas produções em sala de aula, pois as HQs além de objeto de ludicidade são umas das formas mais significativas para leitura, escrita e criação.

A literatura de cordel dá ênfase à riqueza e expressividade da tradição cultural brasileira e ao ser trabalhada em sala de aula pode despertar o interesse para um conhecimento mais aprofundado dessa cultura, pois essa mídia é dinâmica e incentiva a leitura e recitação.

Os recursos midiáticos acima citados foram utilizados como uma proposta tangente aos recursos tradicionalmente utilizados na produção escrita, reescrevendo

lendas africanas e indígenas no formato história em quadrinhos e cordel, por ser importante trabalhar a cultura indígena e africana em sala de aula. Foram utilizados esses recursos como uma proposta de produção escrita, afim de tornar a aprendizagem de lendas mais produtiva e significativa para os alunos.

Assim sendo o objetivo desse trabalho é verificar se a utilização das mídias impressas história em quadrinhos e cordel facilitam a aprendizagem e entendimento das lendas indígenas e africanas.

Para alcançar o objetivo descrito é necessário identificar o nível de conhecimento inicial dos alunos sobre lendas indígenas e africanas, história em quadrinhos e cordel, desenvolver a aprendizagem nestas tipologias textuais, orientar a produção escrita, divulgar produções dos alunos e identificar a percepção deles em relação à utilização das mídias história em quadrinhos e cordel para a aprendizagem das lendas indígenas e africanas.

Segundo Paulo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Dessa forma o trabalho justifica-se pela necessidade de apropriação de conhecimento teórico, por parte dos alunos, das tipologias textuais história em quadrinhos, cordel, lendas africanas e indígenas e para o entendimento que um determinado assunto ou conteúdo pode ser produzido em vários suportes textuais.

Pessoalmente, pelo envolvimento da pesquisadora na escola em que existem recursos midiáticos disponíveis e que podem ser utilizados no desenvolvimento do conhecimento podendo tornar a aprendizagem significativa, identificou-se a necessidade de realizar esse trabalho e aprofundar o conhecimento sobre esse tema.

O trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Chafic Smaka, situada na Rua Nilo Peçanha, no bairro Vila Amélia, no município de Pinhais e atende as modalidades educacionais Educação Infantil e Ensino Fundamental I. A escola tem 683 alunos e atende turmas do PRÉ II ao 5º ano, do ensino regular.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A utilização dos recursos midiáticos que estão presentes na rotina das pessoas, em sala de aula rompe com paradigmas construindo novas propostas de

produção acadêmica. O trabalho desenvolvido com história em quadrinhos e literatura de cordel em sala de aula e produções escritas foram identificadas nos referenciais teóricos de Behrens, Moraes, Santos, Palhares, Araújo, Costa e Costa, Vergueiro e Ramos que discorrem sobre a contribuição das HQ na prática pedagógica, bem como Porto, Pinheiro, Marcuschi e Marinho que discorrem sobre a origem, as características e trabalho em sala de aula.

2.1 O ENSINO DAS LENDAS INDÍGENAS E AFRICANAS

Ao ler e analisar sobre a história do Brasil é possível perceber a grande variedade cultural existente. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de pluralidade cultural, o Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, sendo dessa forma indígena, imigrante, urbano, afrodescendente, caipira entre outras categorias. Porém no decorrer de nossa história existe o preconceito, a discriminação e exclusão social, o que impede que algumas pessoas tenham vivência de sua cidadania.

O conhecimento e a valorização da diversidade étnica e cultura, expande o conhecimento do aluno que passa a ter uma visão do Brasil como um país complexo e muitas vezes paradoxal, oferecendo elemento para compreensão, respeito e valorização das diferenças.

O esperado ao tratar da pluralidade cultural, conforme os PCN, não é o fechamento da sociedade em grupos fechados, ao contrário espera-se o enriquecimento dos grupos culturais pela pluralidade das formas de convívio bem como o compromisso ético de contribuição com transformações necessárias para a formação de uma sociedade mais justa.

Na escola aprende-se sobre a história do Brasil, a influência e contribuição dos diversos grupos sociais em nossa cultura, porém os alunos chegam à mesma com o conhecimento do senso comum. Segundo os PCN (1997, p.39), cabe à escola interferir em suas concepções de mundo, para que desenvolvam uma observação atenta do seu entorno, identificando as relações sociais em dimensões múltiplas e diferenciadas.

No primeiro ciclo em que os alunos estão no início da alfabetização é preferível trabalhar com fontes orais e iconográficas e somente após esse trabalho iniciar a produção escrita, sendo trabalho de o professor iniciá-los nas mais diversas

fontes de informação para que seja possível, ao aluno, adquirir autonomia intelectual.

Segundo os PCNs, os conteúdos devem focar diferentes histórias referentes ao local em que o aluno convive prevalecendo estudos comparativos para a ampliação da capacidade de observação de seu entorno para que ocorra a compreensão das relações existentes.

Ao frequentarem a escola os alunos diversificam seu convívio e ultrapassam as relações do ambiente familiar interagindo com outros grupos sociais como estudantes, professores e demais profissionais da escola e toda sua diversidade. Assim a proposta para os estudos históricos é facilitar o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação de diferentes grupos sociais sem julgamentos, classificando-o como mais atrasado s ou evoluídos.

Ao conhecer as características dos grupos sociais de seu convívio espera-se que o aluno amplie os estudos sobre a forma de vida de outros grupos sociais, identificando semelhanças e diferenças entre seus costumes.

Ao identificar algumas características do local onde vive, pode-se introduzir, para os alunos, estudos sobre uma comunidade indígena que já habitou este local, o que é relevante considerando-se os indígenas como os primeiros habitantes do Brasil e que mantiveram formas de relações sociais distintas das predominantemente brasileiras.

Ao expandir as fronteiras temporais e espaciais os alunos podem dimensionar a sua inserção e sua identidade com grupos sociais maiores. Ao conhecer o deslocamento de alguns grupos sociais, os africanos, por exemplo, em contextos específicos, pode-se compreender a abrangência de suas lutas sociais e políticas.

Assim, os estudos devem partir de realidades locais, ganhando dimensões históricas e espaciais para que o conhecimento seja desvendado, desconstruído e reconstruído.

O conhecimento se tornará significativo para o aluno quando contribuir para a reflexão crítica sobre a sua vivência e as produções humanas. Dessa forma o aluno deve conhecer e debater as contradições, os conflitos, as semelhanças e diferenças existentes na coletividade, considerando que as informações são organizadas a partir de uma multiplicidade de sujeitos, grupos e classes, sendo importante o professor criar situações de atitudes questionadoras para que seja

possível a interpretação e compreensão. Segundo o PCN, ao serem expostas as explicações dos alunos, aos questionamentos feitos, devem ser consideradas uma multiplicidade de entendimentos, abrangências, confrontamentos e de relações.

Os documentos são fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas e que são entendidos como obras humanas e interpretados como exemplos de modos de viver, de visões de mundo.

Segundo os PCNs documentos são cartas, livros, vestimentas, utensílios, entre outros, bem como os sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos expressados pelos objetos através de variadas formas de linguagem, como escrita, oralidade, cartografia, fotografia, números, gráficos, arte.

Dessa forma os PCNs orientam o trabalho com lendas de acordo com o descrito abaixo.

Ao se trabalhar a localidade, a identificação de permanências e transformações de costumes familiares, escolares, alimentares. Ao se trabalhar a comunidade indígena, a identificação de grupos da região e seu modo de vida social, econômico, político, religioso, artístico, cultural, as relações materiais e simbólicas com a natureza, a rotina das mulheres, homens, crianças e idosos e quais foram as transformações sofridas no contato com outros grupos sociais. E ao se trabalhar os deslocamentos populacionais, os levantamentos das ascendências e descendências entre as pessoas pertencentes a uma determinada localidade, o estudos das famílias dos alunos, sua origem geográfica, suas razões para o deslocamento, a trajetória percorrida e os costumes mantidos como tradições.

2.2 A HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

O ser humano está inserido em uma sociedade do conhecimento, onde o professor cumpre o papel de articulador e mediador entre o conhecimento elaborado e o conhecimento que será produzido. Behrens (1998) relaciona o termo tecnologia inovadora, que é a forma como o homem utiliza meios e técnicas para facilitar e inovar seu trabalho com a prática pedagógica a fim de evitar a fragmentação do saber. Uma prática competente envolve a inter-relação e a instrumentalização de tecnologias inovadoras na interconexão entre os indivíduos produtores de conhecimento.

Apesar das constantes transformações da sociedade a escola não se transforma, e o professor apresenta, constantemente, uma prática tradicional que afasta o aluno do processo de construção do conhecimento, repetindo modelos e sendo incapazes de criar, pensar, construir e reconstruir o conhecimento. (MORAES, 1997)

Utilizar histórias em quadrinhos, na prática pedagógica pode ser uma ferramenta produtiva, pois apresenta comunicação visual e verbal. Segundo Santos (2001), ao utilizar a história em quadrinhos (ela mesmo um objeto de ludicidade) para a encenação de um tema, para a formulação de jogos dramáticos, pode-se conseguir um rendimento maior e uma integração mais espontânea no grupo de alunos, com ganhos de eficiência e economia de tempo na aprendizagem. As histórias em quadrinhos são uma das formas significativas para que os alunos leiam, escrevam e criem.

Segundo Palhares, nas histórias em quadrinhos a interpretação da linguagem verbal e não verbal, pressupõe a relação com a formação social do sujeito intérprete, pois nelas são veiculadas uma mensagem icônica e outra linguística, que ao se relacionarem constituem uma mensagem global. A mensagem icônica e verbal interage possibilitando novas possibilidades de encaminhamento e recepção da mensagem.

Segundo Araújo, Costa e Costa (2008, p.29) a importância das histórias em quadrinhos se referem como um instrumento para a prática educativa, por nele haver elementos composicionais que podem ser úteis para a alfabetização e leitura, além de possuir técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo entre outras, importantes nas Artes Visuais e dessa forma induzindo alunos que não sabem ler e escrever se alfabetizarem através das imagens.

A utilização das HQs em sala de aula pode ser ampla cabendo ao professor desenvolver e direcionar o seu trabalho para tratar de assuntos complexos de uma maneira lúdica e agradável.

Segundo Vergueiro (2010) as HQs podem ir além do entretenimento e serem utilizadas de modo mais eficaz na educação, pois as primeiras revistas de quadrinhos publicadas nos Estados Unidos tratavam de antologias sobre personagens famosos da história, figuras literárias e eventos históricos.

O autor afirma que a utilização das HQs em sala de aula auxilia os alunos a ampliar a compreensão de conceitos enriquecendo vocabulário. O próprio autor

explica que há várias décadas elas fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sendo a leitura popular entre eles. A inclusão das histórias em quadrinhos na prática educativa é recebida com entusiasmo e os alunos se tornam mais propensos a uma participação mais ativa nas atividades em sala de aula, pois elas aguçam a curiosidade, desafiando seu senso crítico.

Dessa forma, é necessário, o professor conhecer a linguagem dos quadrinhos. Ramos (2009, p.14) afirma que “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual” e ressalta que o domínio dessa forma de linguagem é uma das condições para a compreensão e aplicação das histórias em quadrinhos em sala de aula, bem como o correto direcionamento do trabalho para realmente exista um benefício pedagógico, e os alunos não tenham somente um olhar de entretenimento.

2.3 A UTILIZAÇÃO DO CORDEL EM SALA DE AULA

O ensino apresentado em sala de aula deve ser dinâmico e desafiador para que despertem nos alunos o desejo de aprender e o trabalho com a literatura de cordel ao mesmo tempo em que é dinâmico pode desenvolver a criatividade, incentivando a leitura, recitação e escrita de folhetos.

A literatura de cordel faz parte da tradição cultural do Brasil, dando ênfase na riqueza e expressividade dessa cultura, sendo uma forma de despertar o senso crítico e histórico dessa manifestação popular.

Ao trabalhar a literatura de cordel em sala de aula pode-se despertar no aluno o interesse em conhecer mais sobre as manifestações culturais do Brasil, uma vez que o cordel além da ficção narra o cotidiano de quem o escreve.

O cordel iniciou na Europa, no século XII, e por um baixo custo na produção se tornou acessível à população, sendo vendidos em feiras, cantados ou declarados por seus autores.

No Brasil foi trazida pelos portugueses adquirindo o formato de literatura confeccionada pelo povo e para o povo com características próprias, seus clássicos e seus mestres.

Foi introduzida como literatura colonial que narrava aventuras e conquistas com temas europeus. Com o passar do tempo passou a ter influências indígena e africana.

Após a chegada da tipografia começou a ser produzido em maior escala, direcionadas para um público de baixo poder aquisitivo. Essa forma de produção preservou as características originais, porém com conteúdo regional, abordando fatos do cotidiano.

O cordel trabalha com diferentes temas sendo sinônimo de poesia popular e sendo relevante na manutenção das identidades locais e das tradições contribuindo para a preservação do folclore brasileiro.

A literatura de cordel é um gênero popular escrito de forma rimada que tem origem em relatos orais e impresso em folhetos, sempre com o total de páginas múltiplo de quatro e de formato pequeno, circulando por várias cidades através de vendedores ambulantes.

Este gênero se configura por trabalhar com a oralidade do aluno, que deve ser aperfeiçoada na escola através de atividades que favoreçam a oralidade. Segundo Porto (2009) no processo de ensino-aprendizagem o professor deve promover situações incentivando o aluno a falar, expor e debater suas ideias, percebendo nos discursos as intenções. As atividades propostas devem possibilitar que o aluno se torne um falante ativo e competente, devendo o professor planejar e desenvolver o trabalho com a oralidade.

A literatura de cordel facilita o aprendizado da leitura oral por possuir uma linguagem próxima à realidade do aluno, possibilitando que o mesmo conheça a beleza da cultura popular, devendo ser uma das opções de leitura da sala de aula.

Sobre a leitura do cordel em sala de aula Pinheiro (2007) declara que o professor deve enfatizar o folheto como literatura e não apenas como informação, sendo necessário reforçar o aspecto de que o folheto deve ser lido e a sala de aula é um local adequado para a vivência da leitura de folhetos, pois pode ser transformada num local de experimentação de vários modos de realização oral.

A leitura oral, em sala de aula, é necessária para que o aluno tenha contato com as diversas tipologias textuais, que contribuam para torna-lo reflexivo e crítico a partir da vivência com as variadas formas do ser humano se manifestar.

De acordo com Marcuschi (2008) encontramos os gêneros textuais em nosso cotidiano e os mesmos apresentam padrões sócio comunicativo característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças histórias, sociais, institucionais e técnicas.

É na escola que deve ser trabalhada a diversidade dos gêneros textuais, pois para tornar o aluno um leitor é necessário a junção de vários recursos para alcançar o entendimento da função social da leitura e produção escrita.

O Cordel como gênero literário contribui na formação do aluno e no desenvolvimento e domínio de novos conteúdos trabalhando com variantes regionais e culturas diversas. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012) obras artísticas como o Cordel, que são experiências culturais fortes e determinantes, estão praticamente esquecidas e a escola pode se tornar um espaço de divulgação destas experiências, mostrando o que nelas há de vivo e como vem sobrevivendo e se adaptando a novos contextos socioculturais resistindo ao rolo compressor da cultura de massa.

Assim, o ensino e a aprendizagem podem ultrapassar os limites da sala de aula, tornando o aluno um sujeito ativo no meio em que vive para que possa exercer sua função social.

2.4 A PRODUÇÃO ESCRITA E O LETRAMENTO

Atualmente o trabalho com leitura é uma preocupação para os professores e tema de discussão nos meios acadêmicos. Dentro do campo da leitura encontram-se várias discussões sobre alfabetização e letramento, tema que foi introduzido recentemente no dia a dia escolar.

O letramento é caracterizado pelo domínio da leitura e escrita para que haja respostas adequadas às demandas sociais.

Segundo SOARES (2003), letramento é o exercício efetivo e competente da escrita, sendo necessárias várias habilidades entre elas a capacidade de ler ou escrever para alcançar objetivos distintos, para interpretar e produzir textos variados, tendo prazer na leitura e escrita e saber fazê-lo de forma diferenciada segundo os objetivos a serem alcançados.

Alfabetizar é ensinar o código da língua escrita e a habilidade para ler e escrever. Na alfabetização é necessário que o aluno compreenda que o sistema de escrita alfabética é composto por letras, que ao se unirem formam palavras.

Dessa forma é considerado alfabetizado o aluno que aprendeu a ler e a escrever, possibilitando a codificação e decodificação da língua escrita. Como afirma SOARES (2003), alfabetização é o processo de aquisição de procedimentos e

habilidades necessárias para a prática da leitura e escrita, ou seja, o domínio de técnicas, códigos e habilidades essenciais para a escrita.

Assim, alfabetização e letramentos são dos processos diferentes, porém interdependentes e indissociáveis. Alguém pode ser alfabetizado sem ser letrado e o inverso também pode ocorrer.

Segundo OSAKABE (1985), aprender a ler é mais que a aquisição de um novo código. É ter a oportunidade de conviver com um mundo distante da oralidade com técnicas e habilidades distintas.

Dessa forma o ato de ler é influenciado por fatores que causam reações e sensações diversas, não sendo algo estático. A leitura é diferenciada conforme o texto que se está lendo, pois “não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma narrativa”. (CAGLIARI, 2005)

Magda Soares (2003) firma que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

3 METODOLOGIA

Este foi um trabalho de pesquisa qualitativa, relatando o trabalho de produção escrita dos alunos do 4º ano B, com 28 alunos, da Escola Municipal Chafic Smaka, do município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela utilização de informações que não podem ser quantificadas, sendo centralizada na compreensão e explicação de situações relacionadas às relações sociais, assim, ela não se respalda em bases numéricas para assegurar alguma importância.

Pesquisas qualitativas, segundo Denzin e Lincoln (2005), são adequadas a uma abordagem em que o foco do trabalho recai sobre a investigação do ponto de vista subjetivo dos indivíduos e suas formas de interpretação do meio social onde estão inseridos.

Na Prefeitura Municipal de Pinhais, utiliza-se a sequência didática, um planejamento elaborado por etapas ligadas entre si, nas diversas áreas do

conhecimento, favorecendo a interdisciplinaridade para tornar o aprendizado dos conteúdos mais eficiente.

Para trabalhar com a utilização de recursos midiáticos em sala de aula, inicialmente foi trabalhado o conceito básico de histórias em quadrinhos, lendas indígenas e africanas, cordel. A partir desses conceitos, os alunos gravaram um áudio, no formato de programa de rádio, em que relataram aos demais colegas o que aprenderiam no decorrer do quarto bimestre, conforme descrição abaixo:

Roteiro de gravação de áudio

Localização: Biblioteca da Escola Municipal Chafic Smaka

Duração: 2 minutos e 57 segundos

Música selecionada: Book of Days – Enya

Data: 07/10/2017

A gravação contou com a participação de quatro alunos. Um dos alunos representou o papel de repórter informando aos demais alunos o que seria aprendido no quarto bimestre. Após pergunta aos outros participantes: “O que é cordel?, O que é história em quadrinhos? O que são lendas?”, que responderam com o conceito de cada tipologia textual.

Após a gravação do áudio e transmissão para todos os alunos iniciamos o desenvolvimento do trabalho conforme os passos abaixo:

- I. Levei revistas em quadrinhos para sala de aula e as entreguei aos alunos. Cedi um tempo para que manuseassem, lessem e conversassem sobre as revistas. Pedi que registrassem em seus cadernos quais características das histórias em quadrinhos eles perceberam. Registrei no quadro de giz as observações feitas pelos alunos.
- II. Passei o vídeo “dicas de como criar HQs”. Entreguei folhas sulfite para que os alunos fizessem a primeira produção. Essa primeira produção não teve um tema específico e serviu apenas de sondagem para verificar o que a turma sabia e o que ainda não sabia sobre o gênero.
- III. Recolhi as produções para fazer um levantamento de tudo o que seria preciso ensinar aos alunos.
- IV. Após o levantamento trabalhei, em sala de aula, todos os aspectos para a criação das histórias em quadrinhos.

- V. Ao mesmo tempo em que trabalhei os aspectos das histórias em quadrinhos apresentei as lendas africanas. Em roda de conversa verifiquei se já conheciam alguma lenda, o que conheciam do continente africano e suas relações culturais e históricas com o Brasil.
- VI. Realizei leitura e interpretação de várias lendas africanas.
- VII. Orientei os alunos para que escolhessem uma das lendas e a transformassem em HQ.
- VIII. Após a entrega das produções das histórias em quadrinhos, realizei as correções necessárias e orientei a reescrita.
- IX. Iniciei o trabalho com cordel apresentando o texto “Vaca estrela e Boi Fubá” de Patativa do Assaré.
- X. Discuti o poema com os alunos e explorei aspectos e palavras que são desconhecidos a eles.
- XI. Orientei os alunos para um trabalho de pesquisa sobre cordel. O trabalho foi escrito e depois de finalizado apresentado e discutido em sala com os demais alunos.
- XII. Apresentei as lendas indígenas, ressaltando aspectos da cultura indígena e sua influência em nosso dia a dia.
- XIII. Realizei leitura e interpretação de algumas lendas indígenas.
- XIV. Orientei os alunos para a reescrita de uma lenda indígena no formato cordel, bem como sua ilustração.
- XV. Na finalização de todo trabalho realizei uma exposição dos trabalhos dos alunos.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A alfabetização deve ser significativa e promover a mudança na forma de pensar do aluno, ampliando seus horizontes para a leitura e escrita. Os gêneros textuais estão presentes em nosso cotidiano e na prática pedagógica devemos apresentá-los aos alunos para ampliar seu repertório tanto na fala quanto na escrita.

Segundo Paulo Freire (1983) a alfabetização deve ser um ato criador, onde o aluno apreende criticamente preparando-se para ser o grande agente de sua

aprendizagem, pois o processo deve compreender o entendimento do que se lê e o que se escreve.

Seguindo essa linha de pensamento o envolvimento dos alunos em todo processo de criação das HQ e Cordéis foi importante para que o planejamento fosse efetivado.

Iniciamos com a gravação do áudio, na biblioteca da escola, explicando de forma resumida o que é cada um dos gêneros textuais trabalhados: Lendas africanas e indígenas, histórias em quadrinhos e literatura de cordel.

Após a apresentação do áudio para todos os alunos da sala, iniciamos o trabalho de pesquisa, em que os alunos se envolveram, trazendo ideias, sugestões e materiais para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula.

Juntamente com o desenvolvimento das etapas de criação das HQs e Cordéis foram trabalhados aspectos históricos, culturais e geográficos da África e do Brasil, bem como a influências desses povos em nossa cultura atual.

O desenvolvimento de toda sequência de etapas durou 40 dias letivos, envolvendo a pesquisa, produção escrita, totalizando 17 histórias em quadrinhos e 17 cordéis, algumas transcritas abaixo e anexadas ao final deste artigo.

Alguns cordéis foram copiados de sites da internet sem a devida citação, então foi necessário explicar aos alunos que o processo de criação é diferente de cópia e que é necessário referenciar todo material copiado de livros, sites e fontes de sentido amplo.

4.1 TRANSCRIÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL

A) Cordel da Vitória Régia

Gênero: literatura de cordel

Autor: aluno A

Uma índia fascinada

Com o brilho do luar

Refletido na lagoa

Logo pôs-se a sonhar.

E sonhou que poderia

Até a lua chegar
Se pulasse na lagoa
Pois a queria tocar

Mas a pobre indiazinha
Pela lua encantada
Afundou-se na lagoa
E morreu afogada.

A lua entristecida
Com aquela situação
Resolveu presentear
A indiazinha em gratidão
E aquela menininha
“Transformo-se” em linda flor
A mais bela da Amazônia
Vitória régia se tornou.

O trabalho com lendas indígenas enriquece o repertório cultural do aluno, pois para entendê-las é necessário compreender a forma de pensamento das comunidades indígenas, para que se possa interagir com outras culturas como previsto nos PCN de Pluralidade Cultural.

Observa-se que o aluno produziu o cordel utilizando regras básicas de produção escrita, utilizando o formato folheto, representando o título através de desenho na parte interna.

Como indicado por Pinheiro (2007), o Cordel foi lido em sala de aula, incentivando os alunos a treinarem a sonoridade da leitura, fazendo-a com ritmo e entonação adequados.

B) Lenda do Guaraná
Gênero: literatura de cordel
Autor: aluno B

Um belo casal de índios

De forte tribo Manués
Viviam na paz e amor
Dia todo nos cafunés
Só um defeito tinham
Por mais que eles queriam
Ficavam nos arrasta-pés.

Um dia estes ameríndios
Pediram ao seu deus Tupã
Uma linda criança
Para alegrar a manhã
O dia, tarde e noite
Não levaria açoitete
Da tribo era o talismã.

O menino ficou lindo
Crescido, bom e amoroso
Chamava atenção
Por ser tão maravilhoso,
Mas quando mal aparece
O firmamento estremece
Com Jurupari invejoso.

Este diabo mal fazejo
Resolveu o índio matar
Aquele pobre criança
Sem um sinal demonstrar
Transformou-se numa cobra
Escondeu-se como corda
Pra aquela criança calar.

Jurupari esperou
A criança apareceu
Caminhando no mato

Não viu quem lhe mordeu
Esmoreceu e ali caiu
Agonizando grunhiu
Sem muito sofrer morreu

Deus Tupã enfurecido
Começou trovões soltar
Relâmpagos na aldeia
Todos a desesperar
A mãe logo percebeu
A mensagem de seu deus
E foi logo revelar.

Ordenou a aldeia de índios
Que eles fossem a orta plantar
Olhos daquele menino
Pra esperar enraizar
Assim eles procederam
Daqueles olhos nasceram
Poderoso guaraná.

O guaraná é uma planta
Forte e bem poderosa
A mulher gosta de usar
Para ficar preciosa
O homem fica vistoso
Forte muito poderoso
Mesmo sendo amargoso.

Esta é a lenda que nos conta
O poder do guaraná
Todo mundo conhece
E usa para trabalhar
Aquele que desconhece

Fraco e manso envelhece
Sem do pó experimentar.

Observa-se que o aluno copiou o cordel de um endereço da internet, utilizando o formato folheto, representando o título através de desenho na capa e ao final do poema.

Os gêneros textuais fazem parte de nosso cotidiano, segundo Marcuschi (2008), sendo papel da escola inseri-los na prática pedagógica. A literatura de Cordel permite que o aluno perceba que a cultura é dinâmica e deve ser compreendida e como a forma de pensar e viver de outras pessoas.

C) Por que o morcego só voa de noite

Gênero: Lenda africana

Autor: aluno C

Há muito e muito tempo houve uma tremenda guerra entre as aves e o restante dos animais que povoam as florestas, savanas e montanhas africanas.

Naquela época, o morcego, esse estranho bicho, de corpo semelhante ao do rato, mas provido de poderosas asas, levava uma vida mansa voando de dia entre as enormes e frondosas árvores à cata de insetos e frutas.

Uma tarde, (...) foi despertado pelos trinados aflitos de um passarinho:

- Atenção, todas as aves! Foi declarada a guerra aos quadrúpedes. Todos que têm asas e sabem voar devem se unir na luta contra os bichos que andam no chão.

O morcego ainda estava se refazendo do susto, quando uma hiena passou correndo e uivando aos quatro ventos:

- E agora? – perguntou a si mesmo o aparvalhado morcego. – Eu não sou uma coisa nem outra.

Indeciso, não sabendo a quem apoiar, resolveu aguardar o resultado da luta:

- Eu é que não sou bobo. Vou me apresentar ao lado que estiver vencendo – decidiu.

Dias depois, escondido entre as folhagens, viu um bando de animais fugindo em carreira desabalada, perseguidos por uma multidão de aves que distribuía

bicadas a torto e a direito. Os donos de asas estavam vencendo a batalha e, por isso, ele voou para se juntar às tropas aladas.

Uma águia gigantesca, ao ver aquele rato com asas, perguntou:

- O que você está fazendo aqui?

- Não está vendo que sou um dos seus? Veja! – disse o morcego abrindo as asas. – Vim o mais rápido que pude para me alistar – mentiu.

- Oh, queira me desculpar! – falou a desconfiada águia. – Seja bem-vindo à nossa vitoriosa esquadrilha.

Na manhã seguinte, os animais terrestres, reforçados por uma manada de elefantes, reiniciaram a luta e derrotaram as aves, espalhando penas para tudo quanto era lado.

O morcego, na mesma hora, fechou as asas e foi correndo se unir ao exército vencedor.

- Quem é você? – rosnou um leão.

- Um bicho de quatro patas como Vossa Majestade – respondeu o farsante, exibindo os dentinhos afiados.

- E essas asas? – interrogou um dos elefantes. – Deve ser um espião. Fora daqui! – berrou o paquiderme erguendo a poderosa tromba num gesto ameaçador.

O morcego, rejeitado pelos dois lados, não teve outra solução passou a viver isolado de todo mundo, escondido durante o dia em cavernas e lugares escuros.

“É por isso que até hoje ele só voa de noite.”

Transcrição no formato da lenda africana.

Ao se trabalhar com as lendas africanas o aluno passa a perceber a influência da cultura africana em nosso cotidiano e ao transcrevê-la no formato história em quadrinhos são utilizados recursos verbais e não verbais, estimulando os alunos a pesquisar os elementos presentes nas HQ.

Na história em quadrinhos o aluno utilizou os recursos necessários para a produção utilizando quadrinhos, balões, ilustrações, entre outros elementos presentes nesse gênero textual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Freire (1985), “a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...) A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (p. 14)

Dessa forma quando o aluno se torna sujeito ativo do desenvolvimento do conhecimento, o envolvimento e a aprendizagem se tornam muito mais significativos, tendo, uma nova perspectiva sobre o aprender e compreende que ele é fundamental para que a educação de fato aconteça.

Ao perceber que pode transformar e criar novas formas de escrita o aluno se sente impulsionado a continuar com essa produção, não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas também em outras áreas do conhecimento.

A utilização das mídias impressas história em quadrinhos e cordel facilitaram a aprendizagem das lendas africanas e indígenas, pois a maior parte dos alunos se envolveu na produção e pesquisa sobre lendas, bem como alguns deste trazendo materiais e questionamentos para discussão em sala de aula, o que oportunizou contato com este assunto, principalmente na mídia literatura de cordel que não é usualmente trabalhada dentro das salas de aula.

No desenvolvimento das atividades envolvendo as lendas africanas e indígenas foi trabalhado conjuntamente a cultura do indígena e do africano para que o aluno percebesse a contribuição em convergências de culturas

As histórias em quadrinhos fazem parte do nosso cotidiano e seu entendimento, por parte dos alunos, é mais fácil, pois há disponibilidade às mesmas diariamente, em sala de aula.

A construção do trabalho com a literatura de cordel exigiu uma pesquisa mais detalhada dos elementos, pois este gênero textual não faz parte do cotidiano dos alunos. Trabalhou-se a estrutura dos poemas bem como sua sonorização quando declamados.

Alguns poemas da Literatura de Cordel foram copiados de sites da internet pelos alunos, porém o fato não afetou negativamente o envolvimento e aprendizagem dos mesmos. Para esse alunos foi retomado e explicado que a produção deveria ser própria, conforme o combinado no início da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALFERES, Marcia A.. **Alfabetização e letramento: tecendo relações com o pensamento de Paulo Freire**. UNIESP. Disponível em: <uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170601130727.pdf>. Acesso em 05 mar. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: história e geografia** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- HEMPE, Clea. **Mídias no contexto escolar: investigação sobre o uso das mídias na sala de aula presencial**. Revista Eletrônica em gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, n. 5, p. 720-733, 2012.
- MARTINS, Kelly Cristina Costa. FERREIRA, Simônica da Costa. **Letramento leitura, literatura e produção de texto: suas implicações no processo de ensino aprendizagem**. Disponível em: <[http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/6/textocompletoeventoportoalegre2010\[1\].pdf](http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/6/textocompletoeventoportoalegre2010[1].pdf)>. Acesso em 03 mar. 2018.
- MILITÃO, Giselda Moraes de Alencar. **Alfabetização e letramento: as práticas de leitura como recurso para a alfabetização**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/giseldamamilita o.pdf>. Acesso em 03 mar. 2018.
- PENTEADO, Maria Aparecida. **Desvelando o universo das histórias em quadrinhos: uma proposta de ação**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1167-4.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2018.
- SANTOS, Roberto E., VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática**. EccoS Revista Científica, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan/abr. 2012.

SILVA, Silvio P.; et all. **Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade.** Universidade Federal da Grande Dourados.

SILVA, Verônica D. **A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino desse gênero em sala de aula.** Disponível em: <revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/download/831/429>. Acesso em 28 fev. 2018.

NEVES, Silvia da Conceição. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula.** 2012, 30p. TCC – Universidade Aberta do Brasil, Palmas, Tocantins, 2012.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar.** 2011. 35p. TCC – Universidade estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 2011.

APÊNDICE A – PRODUÇÃO DE CORDEL

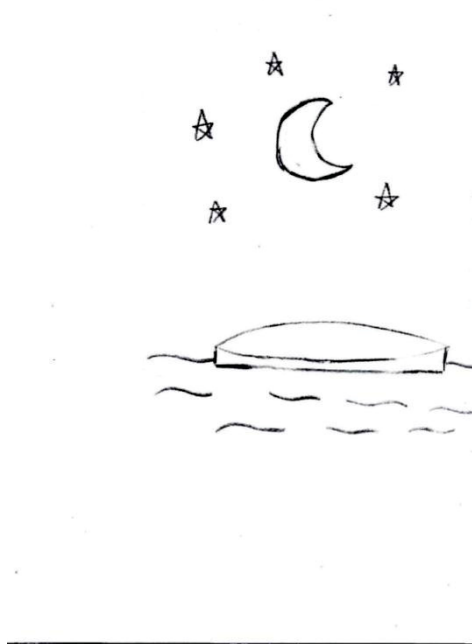
FIGURA 1 – PRODUÇÃO CAPA DO CORDEL

Cordel Da Vitória
Régia

nome: Fabiano
Prof: Márcia
Data: 15/11/17

Fonte: Aluno F (2017)

FIGURA 2 – PRODUÇÃO CAPA INTERNA DO CORDEL



Fonte: Aluno F (2017)

FIGURA 3 – PRODUÇÃO DO CORDEL

Uma índia fascinada
como brilho do luar
refleto na lagoa
logo pôs-se a sonhar.

e sonhou que poderia
aé a lua chegar
se pulasse na lagoa
pois á queria tocar.

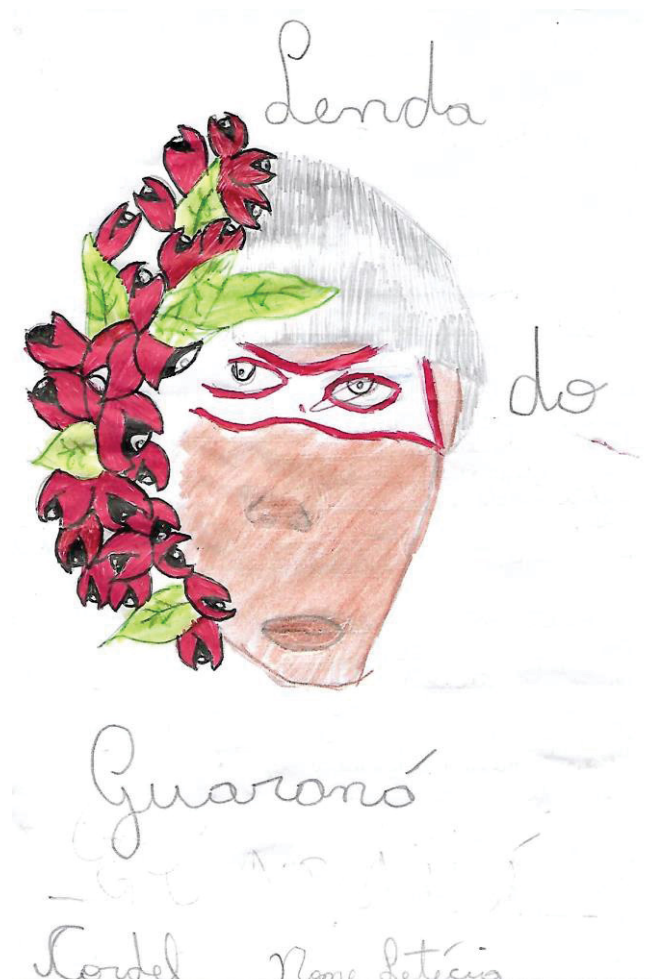
Mas a pobre indiazinha
pela lua chateada
afundou-se na lagoa
e morreu afogada

a lua entressecida
com aquela sílvação
Resolveu presentear
á indiazinha em gratidão
e aquela moçininha
transformou-se em linda flor
a mais bela da amazonia
Vicória Régia se tornou

Fonte: Aluno F (2017)

APÊNDICE B – PRODUÇÃO DE CORDEL

FIGURA 1 – PRODUÇÃO CAPA DO CORDEL



Fonte: Aluno L (2017)

FIGURA 2 – PRODUÇÃO PRIMEIRA PÁGINA DO CORDEL

A lenda do guaraní
 Um belo casal de índios
 De forte tribo Maraués
 Viviam na paz e amor
 Dia todo nos cafumés
 Só um defeito tinham
 Por mais que eles queriam
 Ficavam no arrostapés

 Um dia estes ameríndios
 Pediram ao seu deus Tupã
 Uma linda criança
 Para alegrar a manhã
 E dia, tarde e noite
 Não levaria acicite
 Da tribo era o Talismã

 O menino ficou lindo
 Crescido, bom e omeroso
 Chamava atenção
 Por ser tão maravilhoso.
 Mas quando mal aparece
 O furomento estremece
 Com Jurupari enrijoso.

Fonte: Aluno L (2017)

FIGURA 3 – PRODUÇÃO SEGUNDA PÁGINA DO CORDEL

Este diabo mal fazejo
 Resolveu o índio matar
 Aquele pobre criança
 Tem um animal demônio
 Transformouse numa cobra
 Escondeu-se como corda
 Pra aquela criança calor.

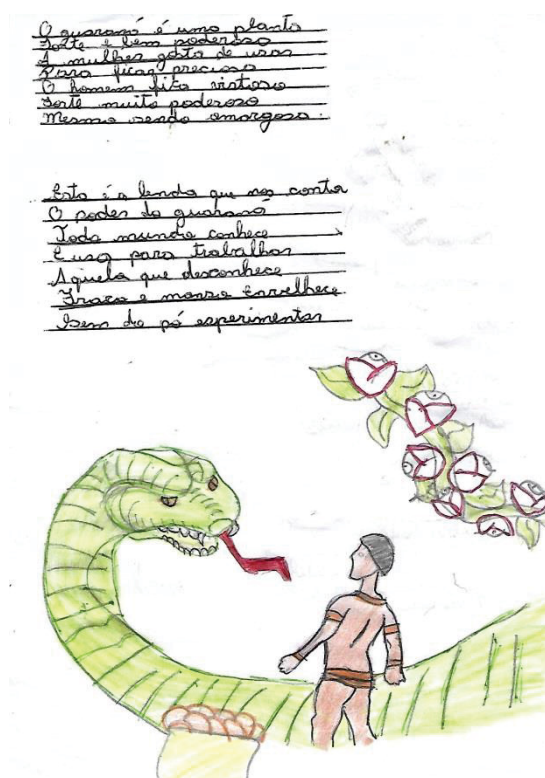
 Jurupari esperou
 A criança apareceu
 Lamentando no mato
 Não viu quem lhe mordeu
 Enmoreceu e ali caiu
 Agoniando grunhindo
 Com muito sofrer morreu.

 Deus Tupã enfurecido
 Começou a enviar pedras
 Pelas pedras na aldeia
 Todos a desesperar
 A mãe logo percebeu
 A mensagem de seu Deus
 E foi logo revelar

 Ordenou a aldeia de índios
 Que eles fossem a orto plantar
 Olhos do que menino
 Para esperar enraizar
 Assim, eles procederam
 E aqueles olhos nasceram
 Poderoso guaraná.

Fonte: Aluno L (2017)

FIGURA 4 – PRODUÇÃO TERCEIRA PÁGINA DO CORDEL



Fonte: Aluno L (2017)

APÊNDICE C – PRODUÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

FIGURA 1 – PRODUÇÃO CAPA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



Fonte: Aluno D (2017)

FIGURA 2 – PRODUÇÃO PRIMEIRA PÁGINA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



Fonte: Aluno D (2017)

FIGURA 3 – PRODUÇÃO SEGUNDA PÁGINA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



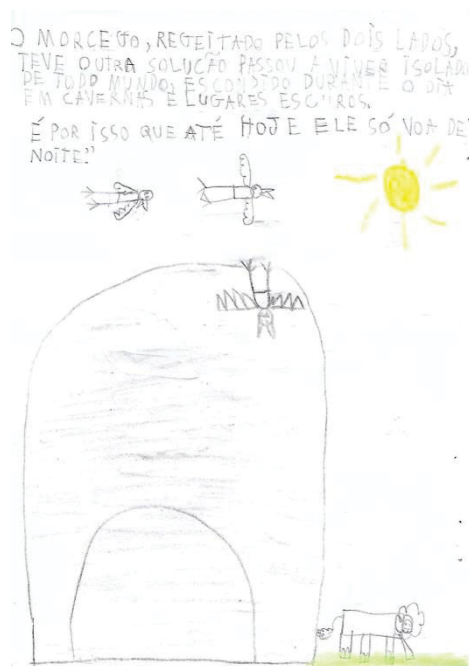
Fonte: Aluno D (2017)

FIGURA 4 – PRODUÇÃO TERCEIRA PÁGINA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



Fonte: Aluno D (2017)

FIGURA 5 – PRODUÇÃO QUARTA PÁGINA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS



Fonte: Aluno D (2017)